

# Ermida de Santa Marta (Casal de Cambra, Sintra)

LEONOR ROCHA<sup>1</sup>  
ANA DANIELA ESPINHA<sup>2</sup>

**R E S U M O** Com a escavação na Ermida de Santa Marta (Casal de Cambra, Sintra) pretendia-se obter o máximo de informação possível tendo em vista a sua recuperação. Transformada em casa de habitação nos finais do século passado, a sua traça original sofreu algumas transformações e os seus níveis arqueológicos foram na sua maioria destruídos por estas obras. Nas sondagens efectuadas no exterior da mesma, encontraram-se níveis de entulhos e lixeiras recentes não se tendo identificado quaisquer sepulturas.

**A B S T R A C T** During the last decades of the 19th century, the Chapel of Santa Marta (Casal de Cambra, Sintra) was made into a house. Consequently, its original features were altered and the archaeological levels under it were, to a significant extent, destroyed. With the excavations of the Chapel, we attempted to recover the maximum amount of information possible about its original construction. This information is being used as a basis for the reconstruction of the Chapel.

## 1. Introdução

A escavação arqueológica enquadrou-se no âmbito do projecto de Requalificação Urbana e da Divisão do Património Histórico-Cultural da Câmara Municipal de Sintra, tendo os trabalhos arqueológicos decorrido durante o mês de Dezembro de 1997<sup>3</sup>.

A ermida de Santa Marta situa-se na freguesia de Casal de Cambra, concelho de Sintra, dentro do perímetro urbano do bairro de Casal de Cambra.

As coordenadas UTM na C.M.P. 1:25 000 Fl.417, são as seguintes:  
M = 479.8.0; P = 4294.6.0; Alt. = 256 m.

Nos finais do século passado ou nos inícios do séc. XX, a ermida, entretanto desactivada, foi transformada em duas casas de habitação tendo, por isso, sofrido importantes transforma-

ções arquitectónicas. Actualmente encontrava-se ao abandono, após o incêndio que destruiu, em data relativamente recente, as referidas habitações (Fig. 1:1).

O monumento encontra-se orientado com o eixo principal a NE-SW, ficando a entrada virada sensivelmente a SW embora, por razões práticas, se tenha optado, por considerá-lo canonicamente orientado com a entrada a W; assim, por exemplo, foram designadas as paredes laterais como parede N e parede S, conforme se localizam, respectivamente, à esquerda ou à direita de quem entra na primitiva porta principal.

O monumento, de fundação atribuível à segunda metade do séc. XVI, apresenta cunhais de blocos de calcário claro, almofadados e rusticados, de inspiração renascentista e porta e janelas molduradas, com o mesmo material.

As transformações introduzidas no edifício, consistiram na construção de um piso superior, aproveitando o pé direito da capela e na abertura de uma porta de acesso ao rés-do-chão na parede correspondente ao primitivo altar-mor.

Na parede S, a parte correspondente à Habitação A foi deslocada cerca de 1m para o exterior, por forma a ampliar o espaço útil habitável; nessa mesma parede foi aberta uma porta ao nível do primeiro andar, servida por uma escada de acesso ao exterior.

Na parede E, correspondente ao primitivo altar-mor, observam-se ainda os vestígios de uma lareira construída com blocos calcários, que servia o primeiro andar da habitação. Esta obra exigiu, por sua vez, algumas alterações na estrutura da parede, devido à instalação da respectiva chaminé.

A escassa documentação disponível referente à capela, as Memórias Paroquiais de 1758 (Azevedo, 1980, p. 140) e um Auto da Visitação de 1782, feito pelo visitador António Rodrigues Bicho, a mando do Cardeal Patriarca D. Fernando de Sousa Silva e Meneses, informa-nos que a ermida, mandada erigir pelos paroquianos, foi objecto de romarias periódicas e que, já nos finais do séc. XVIII, se encontrava em mau estado, pelo que o culto foi suspenso nessa altura, provavelmente até aos nossos dias.

A imagem de Santa Marta encontra-se actualmente, ao que parece, num dos altares da igreja matriz de Belas.

A capela de Santa Marra insere-se num conjunto de locais de culto católico, relacionados com a presença de águas medicinais (Ribeiro, 1983, p. 361), este aspecto é claramente indiciado pela toponímia da área envolvente da capela: Águas Medicinais de Casais e Casal da Fonte Santa.

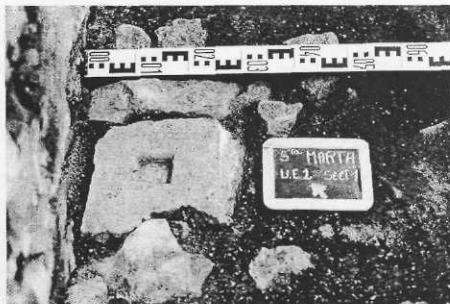


Fig. 1 - Vista geral da Ermida; 2: pormenor da U.E.2.

## 2. Escavação

As péssimas condições atmosféricas e a ausência de uma cobertura dificultaram o normal decurso da escavação e do seu registo. Não obstante estas limitações, a ausência de ocupação na área intervencionada permitiu a rápida conclusão dos trabalhos.

A estratégia da escavação procurou complementar leituras do interior e do exterior da ermida. Assim, foram definidos quatro sectores (Fig. 2):

- Sector 1, corresponde ao interior da ermida que foi integralmente escavada;
- Sector 2, sondagem junto à parede Este, com cerca de 6m<sup>2</sup>;
- Sector 3, sondagem exterior junto à parede Sul, com 2m<sup>2</sup>;
- Sector 4, sondagem exterior junto à parede W, com 8m<sup>2</sup>.

Metodologicamente optou-se por uma escavação em área, segundo os princípios de Barker e Harris.

### *Unidades Estratigráficas*

**Sector 1** (corresponde ao interior da ermida, integrando a Habitação A e a Habitação B).

U.E.0 - terras de cor castanha clara com pedras, tijolos, telhas e materiais recentes (ferros, botões, moedas, plásticos, "caricas", ossos de animais, etc.). Tratava-se claramente de um nível de entulho.

U.E.1 - pavimento composto por pedras de diferentes granulometrias, que apareceu somente na Habitação A. No canto SW apresentava restos de uma camada de cimento por cima (podia tratar-se apenas de um "amassador" correspondente a obras de conservação/reparação das habitações em época recente).

U.E.2 - murete com orientação perpendicular ao eixo principal do edifício, sensivelmente a meio da Habitação B. Era constituído por seis pedras com uma depressão quadrada, mais ou menos central, e por pedras mais pequenas.

U.E.3 - troncos carbonizados que, em planta, apresentavam uma forma de "T" com a haste perpendicular à U.E.2.

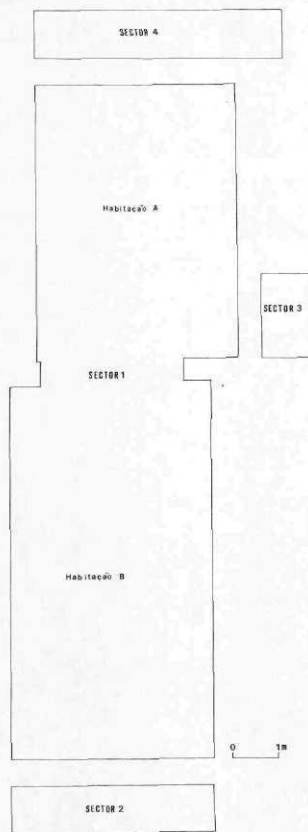


Fig. 2. Planta geral da escavação.

U.E.4. – camada de terra barrenta castanha escura, muito compacta, que apresentava, em alguns pontos, manchas de cinza. Os materiais recolhidos nesta camada, foram relativamente escassos e são todos de cronologia muito recente (sobretudo plásticos, pregos e latas).

U.E.5 – camada de terras arenosas, amareladas, que se desfaziam com muita facilidade. Apareceu numa área muito restrita.

U.E.6. – camada de terras castanhas, muito compactas, misturadas com pedras de pequenas dimensões.

U.E.7. – camada de terras acastanhadas, barrentas, mas menos compactas que as da U.E.4. Apareceu sobre a rocha de base.

U.E.8. – camada de terras barrentas, alaranjadas, de “terra rossa”, que correspondiam à alteração da rocha de base. Surgiu apenas em algumas áreas.

U.E.9. – alicerces da parede Sul original da ermida, na habitação. É constituída por pedras e argamassa, assentando directamente sobre o afloramento; tem cerca de 0,20m de altura máxima conservada, por 0,60m de largura e cerca de 2,30m de comprimento. Desaparece no contacto com o afloramento que, no canto SW, se apresenta com cotas mais elevadas.

U.E.10. – camada de terras muito escuras, apresentando carvões, grande quantidade de ossos de animais (sobretudo mandíbulas e dentes) misturados com materiais recentes (pedaços de plásticos, borracha, vidros, “caricas”, cerâmicas, ferros, etc.) e alguns materiais pré-históricos (sílex). Tinha um forte cheiro a putrefacção. Esta camada preenchia uma fossa aberta a todo o comprimento da área A.

U.E.11. – rocha de base (calcário).

U.E.12. – fossa preenchida pela U.E.10, com cerca de 2m de largura, delimitada entre os muros da camada do altar-mor e uma linha rectilínea, escavada na rocha de base.

---

### Sector 2 (sondagem junto à parede E)

U.E.0. – pavimento de cimento, com cerca de 0,10m de espessura.

U.E.1. – camada de entulhos, constituída por terras castanhas, barrentas, misturadas com pedras e todo o tipo de materiais recentes; recolheram-se três fragmentos de sílex.

U.E.2. – muro constituído por pedras irregulares de calcário local, ligadas com cimento, que se desenvolve no canto NW. Devia corresponder aos alicerces da parede do alpendre da habitação.

U.E.3. – rocha de base (=U.E.11 do sector 1).

---

### Sector 3 (sondagem exterior junto à parede Sul, no troço correspondente à Habitação A)

U.E.0. – camada de entulhos, constituída por terras castanhas, barrentas, misturadas com pedras, restos de telhas e tijolos e todo o tipo de materiais recentes.

U.E.1. – muro que aparece parcialmente sob a parede Sul e paralelo a ela. Poderia tratar-se do alicerce da parede Sul (moderna) cuja largura não tenha sido integralmente aproveitada pela mesma. Apresenta uma grande pedra, aparentemente esquadriada e outras mais pequenas, não trabalhadas. Mede cerca de 0,30m de largura.

U.E.2. – camada de terras castanhas escuras, barrentas, muito compactas e com escassos materiais (parece corresponder à U.E.4 do sector 1).

U.E.3. – rocha de base (=U.E.11 do sector 1).

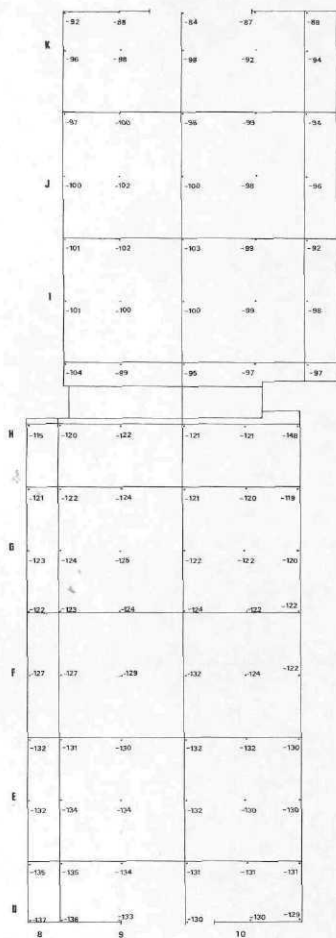


Fig. 3 Sector I. Planta da U.E.0.

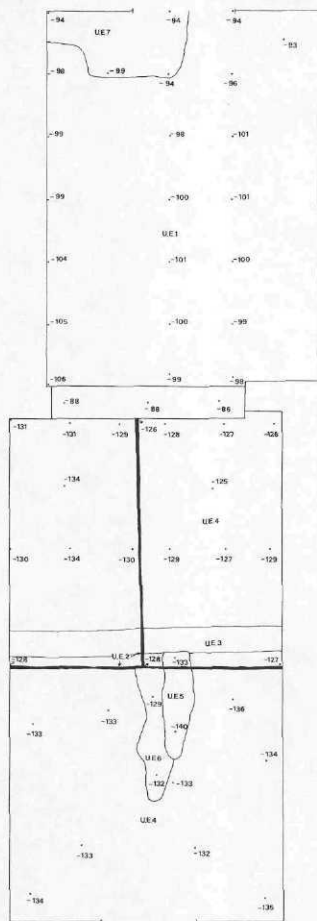


Fig. 4 Sector I. Planta da U.E.1; U.E.2; U.E.3; U.E.4; U.E.5; U.E.6 e U.E.7.

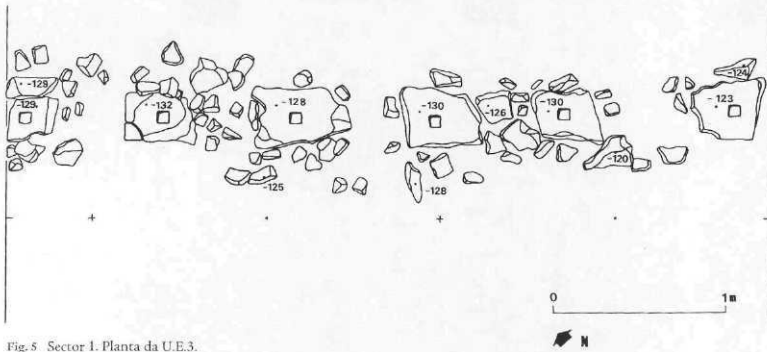


Fig. 5 Sector 1. Planta da U.E.3.



Fig. 6 Sector 1. Planta final da U.E.9 e U.E.11.

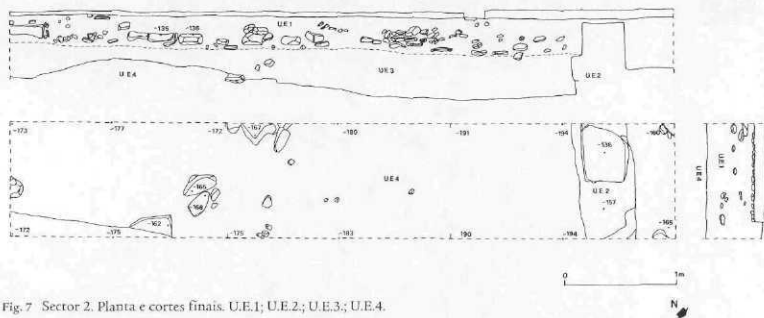


Fig. 7 Sector 2. Planta e cortes finais. U.E.1; U.E.2; U.E.3; U.E.4.

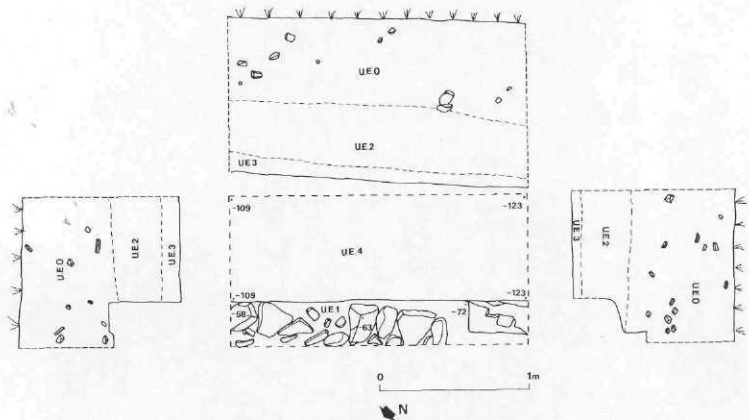


Fig. 8 Sector 3. Planta e cortes finais. U.E.0; U.E.1; U.E.2; U.E.3; U.E.4.

#### Sector 4 (sondagem exterior junto à parede W)

U.E.0 – camada superficial de terras castanhas com materiais recentes (ferros, ossos, cerâmicas, “caricas”, plásticos, tecidos, restos de um sofá, etc.) Nível de entulho de formação muito recente.

U.E.1 – murete que se desenvolve no canto SW a partir da parede. É formado por pedras de tamanho médio (reutiliza uma das pedras almofadadas existentes nos cantos das paredes da ermida) e de diferentes litologias. Surgiram alguns materiais muito recentes e uma moeda de X centavos de 1949.

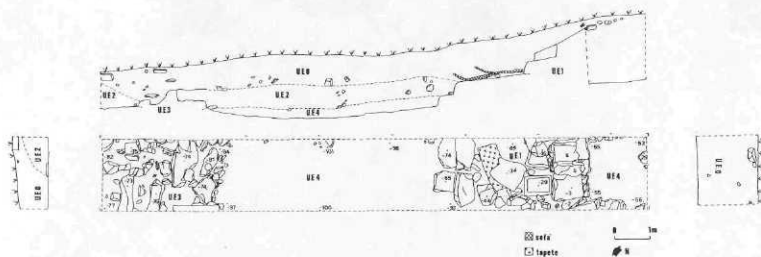


Fig. 9 Sector 4. Planta e cortes finais. U.E.0.; U.E.1.; U.E.2.; U.E.3.; U.E.4.

U.E.2 –camada de terras castanhas escuras, barrentas, com pedras, tijolos, telhas e materiais recentes.

U.E.3 – pedras que surgem no canto NW, aparentemente sem conexão (derrubes?). Poderá, eventualmente, corresponder aos alicerces de um muro que se desenvolveria paralelamente ao que aparece no canto SW (U.E.1).

U.E.4 – rocha de base (=U.E.11 do sector 1)

### 3. Espólio

O espólio recolhido, em todos os sectores intervencionados, caracteriza-se por uma dominância quase absoluta de materiais recentes, a maioria atribuível aos últimos trinta a quarenta anos. A U. E.10, segundo apurámos através de recolha de informação oral junto dos moradores da área, teria sido o resultado da queima de animais doentes “in situ”, efectuada pelo proprietário de um maradouro.

Não deixa de ser perturbadora a escassez ou mesmo ausência de materiais correspondentes aos séculos em que a ermida esteve activada. Uma excepção interessante é o ceitel de D. Afonso V, recolhido no exterior da capela (Sector 4, U.E.2); noté-se que estas moedas circularam até ao reinado de D. Sebastião; trata-se, portanto, ao que tudo indica, de um achado relacionável com a fundação do santuário ou, pelo menos, com os primeiros tempos da sua utilização.

As peças de sílex recolhidas, apesar de pouco abundantes, remetem para uma ocupação pré-histórica do local ou pelo menos da área envolvente, uma vez que a ermida se encontra localizada numa rechã; de facto, estes materiais podem ser provenientes, por arrasto, da elevação que se localiza imediatamente a Sul da ermida.



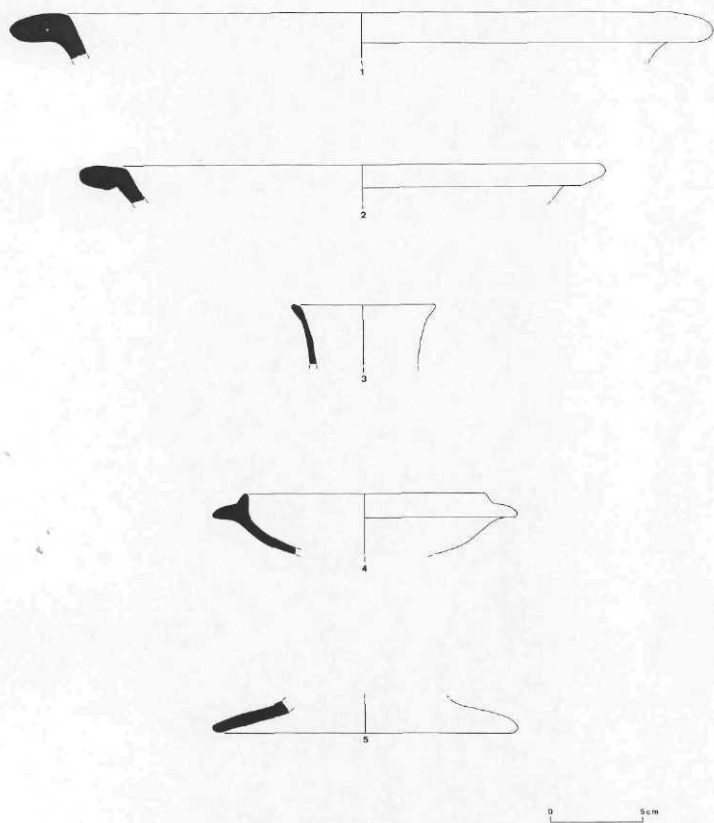


Fig. 10 Sector 1 - U.E.0; 2-5: Sector 1 - U.E.4.

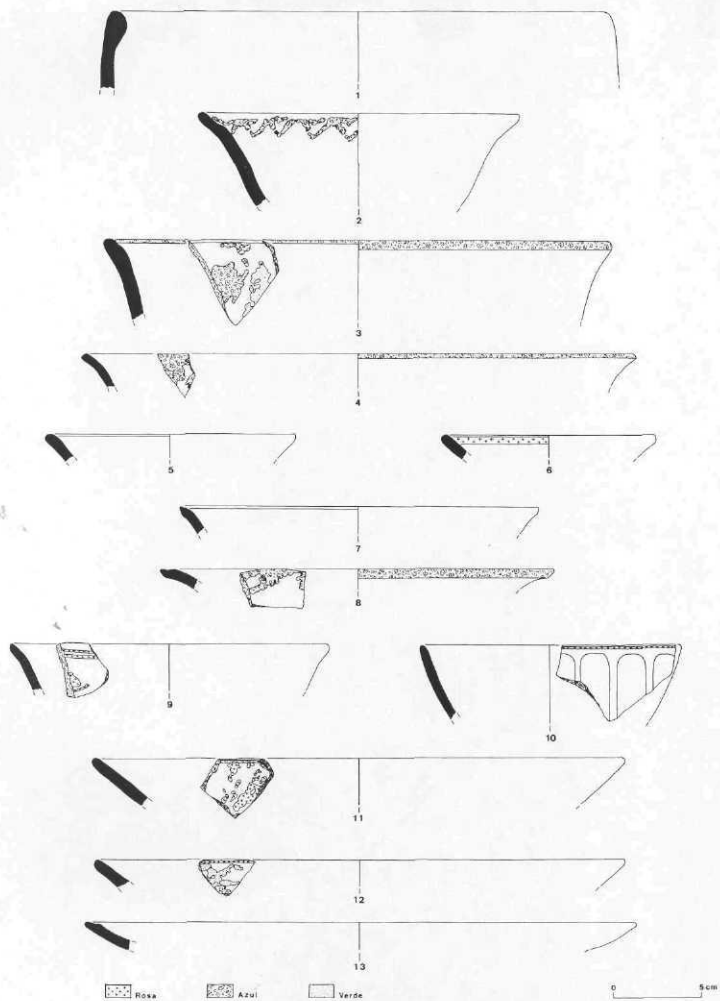


Fig. 11 Sector 4 - U.E.2.

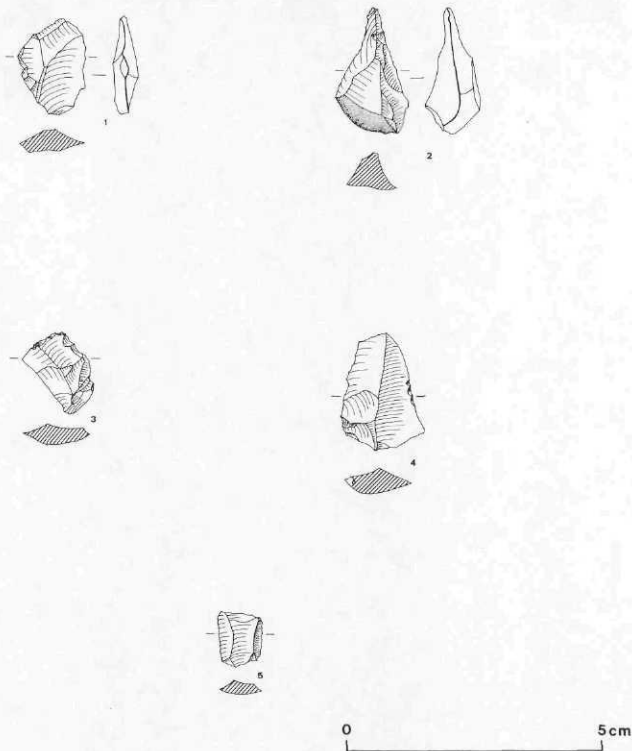


Fig. 12 Sector 4 - U.E.2.

#### 4. Conclusão

Os trabalhos efectuados, cujo objectivo era prioritariamente a obtenção de dados que pudessem, de algum modo, ser utilizados para o projecto de reabilitação arquitectónica do monumento, permitiram detectar o alicerce original da parede Sul, informação que, em nosso entender, deve ser tomada em consideração no referido projecto de arquitectura.

Foi ainda possível obter alguns dados interessantes sobre as fases mais recentes da história do sítio, nomeadamente referentes à arquitectura das habitações em que a capela foi transformada. Salienta-se a existência de divisões internas em madeira, patentes na Habitação B, e de

que restavam as bases (U.E.2); no entanto, torna-se difícil compreender o significado funcional da estrutura de blocos de pedra com rebaixos quadrados (U.E.3), de algum modo relacionada com os tabiques de madeira, sendo provável que tenha servido de base de sustentação de outra estrutura igualmente de madeira.

Os pavimentos dos pisos superiores foram, do mesmo modo, construídos em madeira, a avaliar pelas perfurações para encaixe das traves e pela ausência de vestígios de outros materiais de construção.

### Agradecimentos

Aos Drs. Cardim Ribeiro, Teresa Simões e Catarina Coelho, do Museu de Odrinhas.

---

### NOTAS

<sup>1</sup> IPA-Extensão de Silves, UNIARQ - FLL, Doutoranda da FLL.  
<sup>2</sup> Mesranda em Museologia - Reinwardt Academy, Amesterdão.

<sup>3</sup> Para além das signatárias a equipa era constituída pelos Drs. José Carlos Quaresma, André Carniceiro e Margarida Monteiro, Gervásio Branco, Artur Rocha, Ana Ribeiro e pelo Domingos.

---

### BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, J. A. da C. (1982) - *Velharias de Sintra*. IV. Sintra.
- DINIZ, S. (1997) - *Memória das águas: no Centenário das águas minero-medicinais de Santa Marta*. Mafra: Câmara Municipal.
- PEREIRA, I. da R. (1980) - *Subsídios para a História da Diocese de Lisboa no Sé. XVIII*. Lisboa.
- RIBEIRO, J. C. (1983) - Contributos para o conhecimento de cultos e devoções de cariz aquático relativos ao território de Município Olisiponense. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 89-1, p. 331-369.